

31º. Encontro Anual da ANPOCS
22 a 26 de Outubro de 2007 – Caxambu, MG

ST 35 - Vitimização: riscos objetivos e percepções do risco ou novos dados, novos movimentos

Sobre a Violência Doméstica Conjugal: Uma análise longitudinal a partir de *Surveys* de Vitimização realizados em Belo Horizonte/2002 e 2006.

Autora

Keli Rodrigues de Andrade♦♦♦

Universidade Federal de Minas Gerais

• Keli Rodrigues de Andrade é Cientista Social, mestranda em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, e este artigo configura parte de sua dissertação.

♦ O presente trabalho é orientado pela professora Joana Domingues Vargas do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG a quem agradeço pelas imensas contribuições.

▲ Agradecimentos especiais os graduandos em Estatística da UFMG: Gustavo Henrique M. Assis, Fernanda Nogueira de Assis e Luciana Mara dos Santos responsáveis por contribuições fundamentais para realização deste.

Resumo:

Este trabalho visa contribuir para a discussão sobre a produção de *surveys* de vitimização no Brasil, com base na análise comparativa entre dados específicos sobre vitimização doméstica-conjugal obtidos pela Pesquisa de Vitimização de Belo Horizonte/2002 e pela Pesquisa de Vitimização da Região Metropolitana de Belo Horizonte/2006 (ambas realizadas pelo CRISP/UFGM). Pretende-se identificar e explorar as possibilidades e as limitações do instrumento no sentido de contribuir para o aperfeiçoamento e consolidação do método, através da análise da evolução das vitimizações relativas à violência doméstica conjugal entre os anos 2001 e 2005 (períodos de referência das pesquisas). Além disso, busca-se apreciar como a não determinação *à priori* das mulheres como vítimas pode contribuir para a discussão do fenômeno da violência doméstica conjugal. Ressalta-se neste sentido a identificação do crescimento da violência doméstica conjugal na pesquisa de 2006, bem como da vitimização masculina, sobretudo em alguns tipos de agressão consideradas de intensidade mais elevadas como espancamentos.

INTRODUÇÃO

Partindo da análise dos dados relativos à violência doméstica-conjugal obtidos em duas edições da Pesquisa de Vitimização de Belo Horizonte¹, este trabalho pretende contribuir para a discussão sobre a metodologia de *surveys*, com relação à vitimização doméstica conjugal. Quais as possibilidades e os limites dos *surveys* de vitimização para análise deste tipo de violência? Em que medida o desenho de pesquisa, isto é, a forma como as questões são formuladas e apresentadas aos respondentes, bem como a seleção dos mesmos influencia nos resultados obtidos? Que mudanças nas perspectivas analíticas decorrem da utilização de um desenho que não privilegia as mulheres como vítimas?

Sabe-se que no Brasil existem poucos *surveys* e pesquisas que tratam especificamente da questão da violência doméstica e/ou da violência doméstica-conjugal. Entretanto, foram identificados alguns trabalhos nacionais e internacionais que trazem elementos capazes de fomentar a discussão acerca desta temática. Estudos desta natureza são importantes porque permitem análises da violência que ocorre em âmbito familiar. Este tipo de violência, entretanto, vem ocupando lugar secundário em pesquisas sobre criminalidade violenta. Mesmo em pesquisas de vitimização, que se fundamenta em dados coletados diretamente com as vítimas, não estão incluídas (ou são pouco exploradas) questões específicas sobre violência doméstica-conjugal.

Os *surveys* de vitimização realizados em Belo Horizonte são instrumentos analíticos que trazem elementos capazes de alargar a compreensão da violência doméstica conjugal, uma vez que as informações coletadas são representativas para a população geral, e principalmente porque disponibilizam dados sobre vitimizações domésticas vivenciadas por mulheres e homens. Por configurarem pesquisas comparativas permitem ainda a verificação de modificações nas características do fenômeno na cidade de Belo Horizonte em momentos diferentes². Além disso, por abordarem outros tipos de vitimização permitem que sejam realizadas análises da violência familiar no contexto da vitimização geral.

¹ O CRISP (Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública/UFMG) realizou duas pesquisas de vitimização em Belo Horizonte nos anos de 2002 e 2006, sendo que a segunda incorporou também outros nove municípios da Região Metropolitana, entretanto, neste estudo estão sendo analisados apenas os dados referentes à cidade de BH.

² Importa salientar que embora esta comparação tenha um caráter longitudinal, porque traz dados referentes a uma mesma localidade em períodos distintos não se trata de um estudo de painel, já que as pessoas entrevistadas nas duas edições não são as mesmas.

Assim sendo, a idéia aqui apresentada visa ampliar as possibilidades de análise do fenômeno da violência doméstica conjugal, evitando, portanto dicotomizações prévias na definição de quem sejam as vítimas ou os agressores, e/ou entre tipos de agressões exclusivas para as esferas pública e privada. Ou seja, os esforços empreendidos neste trabalho vão no sentido de tentar por um lado, identificar e mensurar os tipos e a recorrência das vitimizações domésticas conjugais para ambos os sexos na cidade de Belo Horizonte em dois momentos diferentes. E por outro lado, apontar para possibilidade de que sejam percebidas e estudadas, como sugerem Soares (2006) e Blay (2005) a existência de relações e conexões entre “agressões ocorridas dentro de casa e na rua [já que há] nesses contextos, muito mais superposições entre familiares e desconhecidos ou entre vítimas e agressores [do que é comum se observar].” Tudo isso na medida em que se faz uma análise da adequabilidade, dos limites e possibilidades do instrumento utilizado para colher dados capazes de responder a estas questões, qual seja os *survey* de vitimização, em geral, e dos dois *surveys* de vitimização realizados na cidade de Belo Horizonte

O Centro de estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP/UFMG) é responsável pela realização dos dois *surveys* de vitimização na cidade de Belo Horizonte. No primeiro deles: “Pesquisa de Vitimização de Belo Horizonte/2002”, foram entrevistadas cerca de 4000 pessoas acima de 15 anos. A segunda “Pesquisa de Vitimização da Região Metropolitana de Belo Horizonte/2006” foi realizada com apoio da Secretaria de Estado de Defesa Social, e incorporou alguns dos municípios da Região Metropolitana de Belo Horizonte subindo o número de entrevistas para aproximadamente 6000 pessoas acima de 15 anos.

As duas pesquisas mencionadas proporcionaram a construção de bases de dados com informações detalhadas sobre a frequência e a natureza de diversos crimes, dentre eles: roubo, furto, estupro, violência sexual, violência doméstica-conjugal etc. Foram coletadas informações sobre a comunicação de tais eventos à polícia e, em caso positivo, qual a avaliação do atendimento prestado. Além disso, foi apurado o perfil das vítimas e dos agressores, o relacionamento existente entre vítima /agressor, e as circunstâncias nas quais os crimes ocorreram. Vale ressaltar que no segundo instrumento buscou-se realizar aperfeiçoamentos no questionário que, entretanto, manteve-se, comparável ao anterior. Estudos importantes utilizaram-se dos dados da “Pesquisa de Vitimização de Belo Horizonte/2002”, abordando temas como: a influencia do ambiente nas ocorrências de vitimização (Beato et al., 2004); coesão social, desordem percebida e vitimização (Silva,

2004); efeitos contextuais no risco de vitimização criminal (Fernades, 2006), violência doméstica-conjugal (Andrade, 2005), dentre outros.

I OS SURVEYS DE VITIMIZAÇÃO

Surveys de vitimização são pesquisas realizadas a partir de amostras probabilísticas, sendo, portanto, representativas para o total da população analisada. Elas surgiram como tentativa de estimar o comportamento criminoso utilizando técnicas independentes do processo que conduz ao crime oficialmente registrado. (Gove et al, 1985 apud FJP, 1987). Além de uma série de perguntas sobre vitimizações sofridas em relação aos mais diversos tipos de crimes e violências, compõem os questionários perguntas sobre as atitudes tomadas mediante tais vitimizações (denúncia à polícia, procura de atendimento médico, “vingança” etc); as circunstâncias nas quais ocorreram; o tipo de relação vítima x agressor e as conseqüências derivadas do evento. Pode-se ainda identificar padrões de onde, quando e como as pessoas são vitimizadas, a distribuição das probabilidades de vitimização entre diferentes grupos sociais e, finalmente, torna-se possível proceder a análises empíricas sobre os motivos que levam as vítimas a não relatarem as ocorrências à polícia. É possível deste modo, proceder a uma clarificação do papel da vítima na precipitação do crime mediante suas atitudes e comportamentos e exposição a riscos.

As primeiras pesquisas de vitimização³ surgiram nos Estados Unidos na década de 1960. Trouxeram ao campo da criminologia uma concepção bastante inovadora, na medida em que passaram relacionar o comportamento das vítimas à ocorrência dos crimes. Assim, se até então as vítimas eram consideradas como “recipientes” passivos que simplesmente estavam em locais “errados” em horas “erradas” (Siegel, 2004), a partir das pesquisas de vitimização passou-se a perceber seus comportamentos como componentes fundamentais para a consumação do ato criminoso e, portanto, também fundamentais para a explicação da dinâmica em que o mesmo se dá. (Andrade, 2005).

Além da disponibilidade de dados detalhados sobre a vítima e o contexto social da vitimização (Cantor, 2000), os *surveys* tornaram possível uma análise mais próxima da

³ Uma das primeiras grandes pesquisas de vitimização foi realizada na cidade Washington, no final da década de 60, e partiu de uma demanda da *U.S. President's Commission on Law Enforcement and Administration of Justice*. Nela foram entrevistados 511 pessoas, residentes em três diferentes distritos policiais. O primeiro *survey* nacional de vitimização foi aplicado em 1966 pelo NORC –

realidade (expressam melhor a quantidade e os tipos de ocorrências em relação aos crimes ocorridos num determinado período), uma vez que permitem que sejam também identificadas e computadas ocorrências que deixaram de ser registradas oficialmente (“cifras ocultas”), sobretudo nos boletins de ocorrência policial e processos judiciais que foram durante muito tempo, e ainda são, as principais fontes de informações sobre ocorrências criminais. Neste sentido observa-se sua crescente contribuição para o planejamento estratégico das ações policiais e base para estudos sociais aplicados a políticas públicas.

Diante do exposto, ainda que não se possam negar as novas e importantes possibilidades de análise da criminalidade e violência constituídas após a criação dos *surveys* de vitimização existe a necessidade de aprimoramento da metodologia. Nesse sentido alguns estudiosos têm discutindo tanto o processo de desenvolvimento quanto os problemas e limitações da metodologia que persistem ao longo do tempo.

Dentre os problemas geralmente apontados em estudos sobre a aplicabilidade dos *surveys* identificam-se: aqueles relacionados à seleção dos entrevistados; à elaboração da ferramenta em si (nessa seara problematizam-se questões sobre a “adequabilidade” ou cognocividade das perguntas que compõem o questionário). Questões sobre a possibilidade de ocorrência do chamado problema de memória (dificuldades do entrevistado em relembrar experiências de vitimização), ou o chamado “telescoping” (tendência por parte do entrevistado de relatar ocorrências anteriores ao período de referência determinado), e também dificuldades com relação à determinação do período de referência.⁴ Há ainda problemas em relação à forma como o estudo é apresentado aos entrevistados, bem como em relação à forma como os dados obtidos são analisados, uma vez que assumidos como descrições literais, as respostas podem tornar-se problemas conceituais. Estes podem acabar gerando controvérsias analíticas, e embora tais controvérsias não sejam exclusivas dos estudos de vitimização, é preciso estar atento às diferenças que podem surgir nas taxas de crimes e conseqüentemente nas implicações que essas diferentes taxas terão ao serem utilizadas. (David Cantor and James P. Lynch, 2000; Muray A. Straus, 2005; Bárbara Soares, 2006)

National Opinion Research Center, sob financiamento da *U.S. President's Commission on Law Enforcement and Administration of Justice*. Neste caso utilizou-se uma amostra de 10.000 domicílios.

⁴O período de referência indica ao entrevistado um limite de tempo para identificação das vitimizações. Geralmente são utilizados os seis ou os doze meses que antecedem à entrevista. Porém de acordo com Cantor, *et al* 2000, diferentes períodos de referência podem interferir nos resultados dos *surveys*. Geralmente aqueles que possuem períodos de referência mais curtos apresentam taxas mais elevadas.

Vale ressaltar que muitas das dificuldades para a realização de pesquisas de vitimização relacionam-se à amostragem. Por serem estudos representativos, ou seja, por necessitarem de um número elevado de entrevistas os *surveys* possuem um custo bastante elevado, de maneira que nem sempre as melhores alternativas de desenho bem como de seleção da amostra são viáveis, optando-se por adaptações. Aliada às demais dificuldades anteriormente citadas no percurso de aprimoramento da metodologia dos *surveys*, o alto custo pode ser visto como uma das principais dificuldades enfrentadas para a sistematização do uso de pesquisas de vitimização no Brasil. Enquanto em outros países, sobretudo, Estados Unidos e Inglaterra tem-se a reaplicação periódica de questionários de âmbito nacional⁵, o mesmo não ocorre em nosso país.

I.1 *Surveys* de vitimização no Brasil

À exceção de um suplemento da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), publicada no ano de 1988, contendo perguntas sobre situações de vitimização experimentadas pelos entrevistados, ainda não foi realizada no Brasil uma pesquisa de vitimização de âmbito nacional, embora, sobretudo no final dos anos 1990 e nesta década, muitos estudos regionais e locais tenham sido produzidos. Dentre estes pode-se citar: o *survey* de vitimização realizado em oito cidades da América Latina, entre elas o Rio de Janeiro - ISER/1996⁶; a pesquisa de vitimização da Região Metropolitana do Rio de Janeiro FGV e ISER/1995-96⁷; a pesquisa de vitimização da Região Metropolitana de São Paulo – ILANUD e ONU/1997⁸; a pesquisa de vitimização da Região Metropolitana de São Paulo – DCP-USP e Banco Mundial – BIRD/1999⁹; a Pesquisa de Vitimização e Avaliação do Plano de Prevenção da Violência Urbana – PIAPS/2002¹⁰; a Pesquisa de Vitimização de Belo Horizonte - CRISP-UFMG/2002¹¹; a pesquisa de Vitimização da cidade de São Paulo – IBF/2003;¹² a Pesquisa de

⁵ São exemplos de *surveys* de abrangência nacional, o National Family Violence Survey; o National Crime Victimization Survey nos EUA, e British Crime Survey Na Inglaterra e país de Gales.

⁶ Pesquisa: “*Atitudes e normas culturais frente a violência em cidades selecionadas da região das Américas*” realizada em 1996 pelo ISER sob a coordenação do PAHO (Pan-American Health Organization), Projeto ACTIVA - Rio de Janeiro na qual foram entrevistadas 1.126 pessoas.

⁷ Pesquisa: “*Lei justiça e cidadania: acesso à justiça, cultura política e vitimização no Rio de Janeiro*”, elaborada pelo Centro de Pesquisa e Documentação, FGV, e o ISER, na qual foram entrevistadas 1580 pessoas.

⁸ Pesquisa “*International Victimization survey*”, realizada a RM de São Paulo no ano de 1997.

⁹ Pesquisa de vitimização do projeto: “*Determinantes do crime em cidades da América Latina*”, realizada RM de São Paulo no ano de 1999 na qual foram entrevistadas 1.000 pessoas

¹⁰ Pesquisa aplicada nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro Recife e Vitória no ano de 2002 e realizada em conjunto pelo Ilanud (Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e o tratamento do Delinqüente), pelo Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, e FIA-USP (Fundação Instituto de Administração da USP).

¹¹ CRISP - Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da Universidade Federal de Minas Gerais.

¹² Pesquisa de vitimização da cidade de São Paulo realizada pelo Instituto Brasil Futuro (IBF) em 2003, na qual foram entrevistadas 5.000 pessoas

Vitimização de Belo Horizonte e Região Metropolitana - CRISP-UFMG /2006¹³; as Pesquisas de Vitimização das Cidades de Curitiba e Foz do Iguaçu - CRISP-UFMG e SESP/2006¹⁴ e a Pesquisa de Vitimização do Rio de Janeiro - Nupevi-UERG /2006¹⁵

I. 1. 1 Os *Surveys* Nacionais e a Violência Doméstica Conjugal

No Brasil, não é incomum dependendo da área de interesse, e/ou devido aos altos custos deste tipo de pesquisa que os estudiosos acabem elegendo tipos específicos de crimes para compor a investigação, o que diminui o tamanho dos questionários e conseqüentemente seu custo. Porém, por outro lado, a análise fica limitada somente aos tipos de vitimização correspondentes aos crimes e violências predeterminados. É neste ponto que se situa um dos principais entraves para o tema alvo deste trabalho, qual seja: a vitimização doméstica conjugal. Isto porque entre as pesquisas de vitimização realizadas no Brasil predominam os crimes de roubos, furtos, agressão física e sexual, invasão/roubo de domicílio (tentados e consumados). Mesmo naquelas pesquisas em que existem questões que captam a violência de âmbito familiar, as análises que delas se originam acabam privilegiando aqueles crimes. (Andrade, 2005)

De fato, os dados relativos a crimes de roubo, furto, agressão física e sexual, invasão/roubo de domicílio são fundamentais para o teste de teorias importantes como: “*teoria de estilo de vida*”, “*teoria das oportunidades*”, “*teoria das atividades rotineiras*”, etc. formuladas à partir da observação da influencia do comportamento da vítima (ainda que involuntária) para a ocorrência do crime, e portanto, *pari passu* com o desenvolvimento das pesquisas de vitimização. Ressalta-se que estas teorias estão voltadas para a chamada violência urbana, ou seja, o comportamento observado é aquele que se dá nos espaços públicos. Deste modo, cria-se a “sensação” de que crimes, agressões e violências sofridas nos espaços privados (do lar) não estariam ligados, ou pelo menos deveriam ser abordados como tipos de violência completamente distintos daqueles que tradicionalmente se consideram ligados à segurança pública. Sendo assim, os dados provenientes das ocorrências domésticas acabam tomando um lugar coadjuvante nas análises dos *surveys* de vitimização. Entretanto, como argumenta

¹³ Pesquisa realizada em parceria entre o CRISP-UFMG (Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da UFMG) e a SEDS (Secretaria de Estado de Defesa Social).

¹⁴ Pesquisas realizadas em parceria entre o CRISP-UFMG (Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública da UFMG) e a Secretaria de Segurança do Estado.

¹⁵ Realizada pelo Nupevi – UERG (Núcleo de Pesquisa das Violências da UERG), esta pesquisa contou com a colaboração de pesquisadores das seguintes instituições: UERJ; Ence; IBGE e CRISP/UFMG

Soares 2006, há que se estar atento ao fato de que existem conexões importantes entre as agressões que ocorrem dentro e fora do âmbito familiar, assim como superposições entre familiares e desconhecidos vítimas e agressores.

Não obstante, e aí reside um segundo ponto crítico dos estudos de sobre violência doméstica, os próprios pesquisadores que se especializam neste tema (não somente brasileiros) fortalecem a dicotomização entre violências de âmbito público e privado, na medida em que colocam as mulheres previamente como vítimas dos crimes domésticos (Gregori, 1993; Alvim e Souza 2004; Reichenheim et al, 2006; Soares, 2006). Ademais, em alguns casos o universo presente no desenho de pesquisa compreende apenas as mulheres e, em outros, os dados referentes à vitimização masculina é negligenciado.

Não é difícil compreender a ocorrência de posturas analíticas como estas, sobretudo quando se observa que aliada à tradicional vinculação da mulher ao espaço doméstico, a grande maioria das análises referentes à violência doméstica partiu de estudos conduzidos por feministas e/ou que tinham como foco de análise justamente a violência contra as mulheres. Nesse sentido, é comum a utilização das expressões “*violência contra mulher*” e “*violência doméstica*” como se fossem sinônimos. Isto contribui ainda mais para a dicotomização: violência do lar X violência urbana, a primeira tendo predominantemente como vítimas as mulheres e a segunda os homens. Vale salientar que a atribuição das vitimizações ocorridas no espaço doméstico, quase que exclusivamente às mulheres, acaba ainda tratando o fenômeno como se o mesmo existisse apenas nas relações heterossexuais (Nunan, 2003¹⁶), ou seja, na maior parte das discussões propostas a possibilidade de violência entre casais homossexuais (masculinos ou femininos) quando não é excluída, pelo menos não é aventada.

I. 2 Pesquisas que tratam da vitimização doméstica no Brasil

No Brasil, as informações disponíveis sobre a vitimização doméstica são obtidas a partir de estudos menores e/ou com recortes temáticos mais restritos. Como já mencionado, a PNAD do ano de 1988 continha questões relativas à violência interpessoal e algumas outras que permitiam vislumbrar situações de violência contra mulher, entretanto a forma como foram formuladas não permitia maiores refinamentos para identificação dos tipos de agressão. Uma

¹⁶ Adriana Nunan. Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003

iniciativa no sentido de aprofundar os dados relativos à vitimização feminina foi desenvolvida em 2001, pela Fundação Perseu Abramo, através da pesquisa nacional: “A Mulher Brasileira nos Espaços Públicos e Privados”. Entretanto, como já enfatizado trata-se de pesquisa com dados referentes apenas ao universo das mulheres. O mesmo ocorre com a pesquisa realizada entre 2001 e 2002 pela Organização Mundial de Saúde que entrevistou mulheres agredidas no município de São Paulo e na Região da Mata Pernambucana. 27% e 34% das entrevistadas respectivamente mencionaram ter sido vítimas de violência física praticada pelo parceiro ou ex-parceiro em algum momento da vida.

Mais recentemente, no ano de 2005, uma equipe do Departamento de Medicina Clínica da Universidade Federal do Ceará produziu uma pesquisa sobre a “Qualidade de vida e depressão em mulheres vitimas de seus parceiros”. Os dados revelaram que 84% das mulheres haviam sofrido agressões físicas, e destas 72% desenvolveram quadro de depressão. Neste mesmo ano, o DATASENADO produziu, por telefone, uma pesquisa nacional sobre a violência contra a mulher. Também em todos estes casos o recorte amostral abarcou apenas mulheres, além de que as perguntas continham caráter genérico, não permitindo a identificação exata das ocorrências de âmbito doméstico. Embora sejam dados importantes, são extremamente direcionados não permitindo outras comparações seguras ou análises de contexto.

Em 2000, Reichenheim, e colegas, procedeu a uma investigação sobre a “Adaptação transcultural para o português do instrumento *Revised Conflict Tactics Scales* CTS2¹⁷” utilizado para identificar violência entre casais. Uma das etapas deste estudo foi composta pela aplicação de um pré-teste da versão síntese proposta. Procedeu-se assim a um estudo caso-controle sobre violência familiar durante a gestação e prematuridade da criança sendo que em três maternidades públicas do Rio de Janeiro foram entrevistadas 774 mães¹⁸. O questionário foi composto por questões que versavam sobre atitudes de mediação de conflito, agressões psicológicas, físicas e sexuais entre o casal durante o período de gestação. Nos anos de 2002 e 2003 uma equipe multidisciplinar¹⁹ realizou em 15 capitais brasileiras e no Distrito

¹⁷ A CTS2 é uma escala de táticas de conflito componente de um conjunto amplo de instrumentos de identificação de violência familiar elaborado pelo *Family Research Laboratory* (EUA). Esta escala é proveniente de uma adaptação da CTS1 proposta por Straus et al. (1996).

¹⁸ Outras discussões sobre o tema, bem como os dados computados no estudo caso-controle podem encontrados em Reichenheim ME et al, 2006.

¹⁹ Equipe formada por membros do Instituto de Medicina Social e do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da Coordenação de Prevenção e Vigilância do Instituto Nacional de Câncer do Rio de Janeiro, da Escola Nacional de Saúde Pública e da Fundação Oswaldo Cruz.

Federal um estudo de sobre violência entre parceiros íntimos. Tratou-se da aplicação do instrumento Conflict Tactics Scales (CTS), no qual foram entrevistadas 6.760 mulheres e no qual se verificou a existência global de: agressão psicológica em 78,3% dos casais; abuso físico de menor intensidade em 21,5% e de abuso físico grave em 12,9% dos casais. Embora nestes trabalhos tenham sido entrevistadas apenas mulheres, as perguntas se referiam tanto a agressões sofridas quanto a agressões por elas praticadas o que, diferentemente dos estudos anteriormente citados, traz informações sobre o fenômeno de uma maneira mais global e relacional.

I. 2. 1 Possibilidades e os limites dos *surveys* de vitimização doméstica

Como vimos, nem todos os dados referentes a situações de violência em âmbito familiar no Brasil provêm propriamente de pesquisas de vitimização que tratam de crimes diversos, como é o caso das Pesquisas de Vitimização de Belo Horizonte 2002/2006 aqui analisadas. Baseando nos exemplos acima, quero argumentar que um dos problemas dos dados provenientes das pesquisas que buscam mensurar a vitimização doméstica conjugal reside no fato da população alvo abranger apenas mulheres, reforçando a compatibilização entre violência doméstica conjugal e violência contra mulher. Destaca-se que isto acontece não apenas no Brasil. No ano 2000, a Secretaria de Estado de Defesa da Mulher do governo francês, buscando captar a violência vivenciada em diferentes esferas da vida (espaço público, profissional, familiar) e em diferentes níveis (agressões verbais, psicológicas, físicas e sexuais) encomendou ao Instituto de Demografia da Universidade PARIS I a primeira pesquisa sobre o tema. Foram entrevistadas, por telefone, quase sete mil mulheres com idade entre 20 e 59 anos. Como argumenta Menezes, 2005 a publicação dos dados *“causou surpresa e provocou um verdadeiro choque. Não somente descobria-se a extensão do problema, como se podia constatar que as mulheres na França corriam mais risco dentro de suas próprias casas do que no espaço público ou no local de trabalho.”*²⁰

Embora estudos como estes tenham imenso valor para dar visibilidade ao problema da violência que ocorre entre parceiros íntimos, o foco nas vítimas do sexo feminino acaba gerando dados que não podem ser estudados de forma relacional, embora este tipo de violência tenha necessariamente tal caráter. Assim, ao invés de contextualizar e mensurar o fenômeno da violência doméstica conjugal tentando captar todos os seus aspectos e possibilidades, maximizando sua fidedignidade, os dados produzidos acabam gerando uma

visão parcial que apenas comprova a existência da violência doméstica-conjugal contra mulher. (Soares, 2006) Neste sentido, estudos de gênero demonstram certa fragilidade, pois neles apenas as mulheres têm a chance de expor as agressões sofridas. De acordo com Alvim e Souza 2004 “os tradicionais estudos de gênero estiveram surdos para as vozes masculinas durante décadas, o que certamente significou em entrave para a compreensão da violência característica das relações de gênero: a violência conjugal.”²¹

Surge também como importante dificuldade para as pesquisas sobre violência doméstica conjugal no Brasil a utilização de ferramentas desenvolvidas em outros países (Reichenheim et al., 2002). Fazê-lo possibilita realizar comparações, entretanto, é sabido que não basta que a adaptação da ferramenta proceda a uma simples tradução das perguntas originais. Os estudiosos devem atentar para a importância da avaliação da equivalência semântica e transcultural, uma vez que a comparação internacional de dados relativos a um mesmo fenômeno pode ser bastante produtivo para sua compreensão. O caso da violência familiar (já incluída a violência doméstica conjugal) é um bom exemplo.

Outros problemas relativos aos estudos sobre violência doméstica conjugal, que poderão ser melhor abordados em outra oportunidade relacionam-se à formatação das questões e ainda ao modo como o questionário é apresentado ao respondente, que podem ser fatores à interferir nos resultados. Como evidencia Straus (2005) através da comparação entre os resultados sobre violência entre parceiros íntimos obtidos respectivamente no *National Family Violence Surveys* e no *National Crime Victimization Survey* percebeu-se uma enorme diferença nas taxas de agressões contra parceiros íntimos. Tal diferença pode ser explicada justamente pelo fato da segunda pesquisa ser apresentada como um estudo de crime fazendo com as ocorrências domésticas não sejam enquadradas pelos respondentes, o que não acontece na abordagem proposta pelo *National Family Violence Surveys*. Neste mesmo sentido, como aponta Soares, 2006 diferentes enfoques, abordagens, bem como variações nos tipos de perguntas e pesos atribuídos a diferentes formas de violência podem revelar diferenças na comparação dos resultados de pesquisas diversas.

Outro ponto refere-se ao fato de que esta temática aborda diretamente questões sensíveis, e isto pode ser um fator dificultador para obtenção de respostas durante as entrevistas. O que se

²⁰ Marcadas a Ferro – Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. (p. 185)

²¹ Alvim, S. F. ; Souza, L. . Homens, Mulheres E Violência. 1. Ed. Rio De Janeiro: Editora Noos, 2004. v. 500. (p.15)

quer dizer é que por se tratar de um tipo de violência, na grande maioria das vezes recorrente e praticada por pessoas de convívio íntimo, sobre as quais a vítima alimenta sentimentos de afeição, pode haver um maior constrangimento, desejo de proteger o agressor e/ou mesmo receio quanto a possibilidade de revelação das agressões (Felson et al, 2002).

II. 2. 2 Os limites e as vantagens das Pesquisas de Vitimização em Belo Horizonte/ 2002 e 2006

Assim como os demais estudos que contemplam questões relativas à violência doméstica conjugal no Brasil, as pesquisas de Pesquisas de Vitimização em Belo Horizonte/ 2002 e 2006 possuem algumas limitações. Embora alguns detalhes tenham sido aprimorados entre a primeira e a segunda versão ainda existe a necessidade de complementação no instrumento. Em primeiro lugar o limite mais importante identificado nas duas versões das pesquisas diz respeito ao fato de que inexistem perguntas sobre quais as reações das vítimas mediante as agressões, sobretudo se elas procuraram ou não a polícia, porque não o fizeram, e se o fizeram qual a avaliação do atendimento prestado. Como vimos uma das contribuições fundamentais das pesquisas de vitimização é justamente permitir uma análise empírica que evidencie os elementos que levam as vítimas a não relatar o crime à polícia. Ressalta-se ainda que em todas as demais baterias integrantes dos questionários existe a pergunta referente à ocorrência de registros oficiais da vitimização.

Um segundo ponto que merece discussão sobre possíveis impactos negativos para coleta dos dados é a posição que a bateria de violência doméstica conjugal ocupa no questionário. Ela compõem as últimas questões aplicadas durante a entrevista, vindo inclusive após perguntas gerais que captam a opinião do entrevistado sobre a Polícia Civil e a Guarda Municipal, questões que nem mesmo dizem respeito a eventos de vitimização. Pode-se tirar daí duas conseqüências, em primeiro lugar a impressão de que esta é uma bateria de importância menor, se comparada a outros tipos de vitimização. Em segundo lugar, visto que a entrevista é longa, o entrevistado pode estar cansado, perdendo a concentração e conseqüentemente comprometendo a qualidade da informação repassada.

Um terceiro limite identificado nos questionários refere-se ao fato de que embora existam duas opções com relação à frequência da agressão a saber: a) aconteceu uma vez e b) aconteceu mais de uma vez, a impossibilidade de fazer uma contagem real da frequência de

vitimizações prejudica a compreensão da magnitude do fenômeno. Como discutido anteriormente, a violência familiar, e neste caso a violência doméstica conjugal tem como característica a reincidência, tornando-se ainda mais importante saber qual a frequência de repetições em relação a cada tipo de agressão. A opção “aconteceu mais de uma vez” engloba desde duas até cinco, dez ou mais vezes o que é bastante diferente e importante principalmente quando conjugada com a informação sobre qual foi a reação da vítima após a agressão.

Finalmente, o *survey* apresenta ainda uma limitação no que diz respeito à possibilidade da constatação de violência doméstica conjugal entre casais homossexuais. Isto porque, embora estes não tenham sido discriminados nas entrevistas, a ausência de uma questão que identifica o caráter homossexual da relação faz com que a análise das respostas automaticamente sejam referenciadas à relacionamentos heterossexuais. Assim, se uma mulher diz que seu parceiro a agrediu presume-se automaticamente que este seja do sexo masculino e vice-versa.

Ponto positivo muito importante das Pesquisas de Vitimização de Belo Horizonte diz respeito ao cuidado na construção da bateria de violência doméstica conjugal. Baseada no instrumento denominado CTS1 – Conflict Tactics Scales, desenvolvida na década de 1970 por Straus et al, sua adaptação para o português passou não apenas pela tradução dos itens, mas procedeu ao teste da equivalência semântica e transcultural.²² O formato escalar da bateria leva em conta tanto reações de mediação de conflito quanto os tipos de violência perpetradas pelos parceiros, sejam elas psicológicas ou físicas, partindo das menos para as mais graves, e ainda se a vitimização ocorreu apenas uma vez ou se foi recorrente (embora como já mencionado, não seja possível saber exato de vezes em que cada tipo de agressão aconteceu). Contudo, embora a estrutura da bateria tenha um formato escalar, no questionário de 2002 alguns tipos de agressões diferentes foram agrupados num mesmo item. Foi o caso das variáveis: “ameaçou com faca ou arma” e “usou faca ou arma”. Para o questionário da pesquisa de 2006 estas variáveis foram desmembradas da seguinte forma: “ameaçou com faca”, ameaçou com arma”, “usou faca” “usou arma”, o que já evidencia o esforço de aperfeiçoamento do instrumento.

²² Ver: Hasselmann MH, Reichenheim ME. Adaptação transcultural da versão em português das "Conflict tactics Scales Form R" (CTS-1) usada para aferir violência no casal: Equivalências semântica e de mensuração. Cad Saúde Pública 2003; 19:1083-1093. Outras informações acerca das CTS podem ser obtidas no site da Universidade de New Hampshire, mais especificamente no “laboratório de Pesquisa Familiar”: <http://www.unh.edu/frl/>

Outro ponto positivo na ferramenta em questão é o fato de que a aplicação da bateria não se restringiu apenas às pessoas oficialmente casadas. Foram questionados todos aqueles respondentes que mantiveram algum relacionamento amoroso que durou pelo menos 30 dias durante o período de referência que foi equivalente há 12 meses. Ou seja, foram consideradas todas as possibilidades de relação íntima passíveis de serem palco de violência doméstica conjugal.

Uma vez que a população alvo foi composta por amostras probabilísticas e representativas para a cidade de Belo Horizonte, a reaplicação do questionário permite a realização de comparações longitudinais. Em outras palavras, a situação do fenômeno pode ser mensurada em períodos de tempo diferentes, podendo evidenciar sua evolução, ainda que não se trate de uma pesquisa no formato painel. Finalmente, torna-se possível ainda a comparação do fenômeno na cidade de Belo Horizonte e em outras cidades nas quais se utilizou o mesmo padrão de questões, como foi o caso de Curitiba e Foz do Iguaçu (2006) e Rio de Janeiro (2006).

Vê-se, pois, que não obstante todas as limitações os aspectos positivos reforçam as possibilidades de análise sobre a violência doméstica conjugal disponibilizadas a partir dos dados provenientes dessas pesquisas. Para o presente estudo, destaca-se o fato de que os dados coletados pelas pesquisas em questão apontam resultados bastante interessantes para discussão da violência doméstica conjugal. Trata-se de um estudo que abordou homens e mulheres o que por sua vez possibilita observar o fenômeno da violência doméstica conjugal sem definir *a priori* qual o sexo das vítimas dos agressores. Isto dá ao estudioso a possibilidade de acesso a dados coletados de forma imparcial, o que facilita o desenvolvimento de uma análise global do problema de pesquisa.

Tal desenho, com a inclusão de homens e mulheres permitiu, desde a primeira versão em 2002, observar a existência de uma vitimização masculina considerável, ainda que culturalmente não esperada (Starus, 2005), sobretudo entre violências de baixa e média intensidade, e entre homens de idade mais avançada, o que já apontava uma “novidade” com relação aos tradicionais estudos de violência conjugal que não consideram a possibilidade da vitimização masculina. (Andrade, 2005). Vale agora verificar se os dados obtidos em 2006, reforçam ou contradizem este achado e também se evidenciam um aumento ou diminuição

nas taxas de vitimização masculina em alguns tipos de agressões mais graves, além, é claro, observar a ocorrência de outras diferenças na configuração do fenômeno na cidade de Belo Horizonte.

III Análise da violência doméstica conjugal com base nas Pesquisas de Vitimização de Belo Horizonte 2002/2006 : Alguns Resultados

Por se tratar de pesquisas de vitimização completas e representativas para a cidade de Belo Horizonte, os instrumentos aqui analisados permitem que sejam traçados o perfil das vítimas com relação à sexo, cor/raça, idade, escolaridade, estado civil, renda etc. Estas são características fundamentais para compreensão do fenômeno da violência doméstica, entretanto, devido ao foco analítico deste artigo, qual seja: a crítica ao instrumento, será abordado a influência do sexo da vítima e sua relação com a vitimização em seus diferentes graus..

Como visto, as Pesquisas de Vitimização de Belo Horizonte (CRISP, 2002) e a Pesquisa de Vitimização da Região Metropolitana de Belo Horizonte (CRISP, 2006) contêm uma bateria de questões específica sobre as reações dos parceiros em momentos de conflito doméstico-conjugal. Tais questões foram aplicadas aos respondentes que tiveram pelo menos um parceiro íntimo nos últimos trinta dias anteriores a entrevista. Vale ressaltar que o formato escalar da bateria, que vai desde atitudes de mediação de conflito, até agressões de média a alta “intensidade” permite que seja feita uma divisão das variáveis em duas categorias: a) *Mediação de Conflito* e b) *Violência Doméstica - Agressão*. Cada uma destas categorias incorporando variáveis com graus de gravidade de violência semelhantes.

As seis primeiras variáveis foram classificadas como *Mediação de Conflito*, uma vez que as reações nos momentos de desentendimento não configuravam agressões, mas buscavam mais o diálogo e a ajuda para resolver o conflito que causar danos físicos, morais ou psicológicos à pessoa para qual foram dirigidas. Nesta categoria houve equilíbrio nas reações de homens e mulheres, em quase todas as respostas, tanto na pesquisa 2002 quanto na pesquisa 2006. A variável que apresentou maior discrepância nas respostas foi a variável “*Chorou*”, em que 64,45% e 63,13% dos homens (respectivamente em 2002 e 2006) disseram que a parceira reagiu desta forma. Já com relação à variável e “*Retirou-se do quarto*” 57,10% das mulheres em 2002 e 51,3% em 2006 disseram que o parceiro reagiu desta forma (Ver TAB’s 01 e 02

em anexo). Estes dados poderiam indicar dois tipos distintos de comportamentos/attitudes de gênero diante de situações onde se pretende mediar o conflito e evitar a escalada para agressões. Os homens apresentam um comportamento socialmente sancionado de “retirada”, enquanto as mulheres recorreriam ao choro attitude, sancionada ao feminino em nossa sociedade (Andrade, 2005).

Do total de pessoas receptoras dos tipos de reação que formam a categoria *Mediação de Conflito*, em 2002, 50,41% foram homens e 49,59% mulheres. Em 2006, 53,14% foram homens e 46,86% mulheres. Evidencia-se que metade da amostra interrompeu a escalada da violência, quando em situações de conflito, com attitudes claramente diferenciadas entre os sexos.

Na categoria denominada *Violência Doméstica-Agressão*, formada pelas outras 14 variáveis em 2002 e 16 em 2006, na qual ocorreram reações agressivas de intensidade crescente, destaca-se que o percentual de homens vitimados em diversas variáveis aumentou em alguns casos, significativamente, entre 2002 e 2006. Isto ocorreu nas variáveis: “*Xingou ou insultou*” (50,07% e 52,1%); “*Fez, disse coisas para irritar*” (42,75% e 48,5%); “*Ameaçou bater ou jogar coisas*” (42,79% e 55,7%); “*Destruuiu, jogou Objetos*” (37,97% e 46,6%); “*Deu tapa ou Bofetada*” (41,13% e 49,6%); “*Chutou, mordeu, deu murro*” (50,0% e 59,8%); “*Bateu ou tentou bater com objetos* (51,72% e 62,2%)” e principalmente, na variável “*Espancou*” (17,14% e 39,4%).

O percentual de mulheres vitimadas aumentou entre 2002 e 2006 nas variáveis: “*Empurrou, agarrou ou sacudiu*” (53,33% e 54,3%) e teve aumento muito significativo na variável “*Estrangulou ou sufocou*” (66,67% e 90,5%). Embora o aumento percentual das vitimizações entre mulheres tenha se dado em apenas duas variáveis, elas apresentaram percentuais mais elevados em onze das quatorze variáveis da categoria *Violência Doméstica-Agressão* da pesquisa de 2002 e em seis das dezesseis variáveis da categoria *Violência Doméstica-Agressão* da pesquisa de 2006. Permanecendo mais vitimizadas nas violências que se dão no plano da força física: “*Empurrou agarrou*” (53,33% e 54,3%); “*Deu tapa ou bofetada*” (58,87% e 50,4%); “*Espancou*” (82,86% e 60,6%) e “*Estrangulou ou sufocou*” 66,67% e 90,5%). (Ver TAB's 01 e 02 em anexo).

Embora os percentuais de violência evidenciem mudanças no número de ocorrências de várias formas de agressão, segundo sexo da vítima, devido à variações na população sua observância pode gerar distorções na interpretação do fenômeno. Para evitar este problema, ou seja, para corrigir o número “total” de crimes em relação à variações demográficas torna-se mais adequada a utilização de taxas (Fundação João Pinheiro, 1987). No caso da violência doméstica conjugal em Belo Horizonte, na categoria *Violência Doméstica-Agressão*, apenas quatro variáveis apresentaram aumento nas taxas de vitimização do sexo masculino²³: “*Fez, disse coisas para irritar*” (62,15 e 67,96); “*Destruuiu, jogou Objetos*” (9,98 e 10,35); “*Deu tapa ou Bofetada*” (7,17 e 7,41) e “*Espancou*” (0,84 e 3,32%). (Ver TAB’s 01 e 02 em anexo).

A avaliação por taxas mostra, portanto, que, sobretudo em relação a variável “*Espancou*” a vitimização masculina teve de fato crescimento significativo. Por um lado porque foi o aumento mais expressivo e, por outro, porque trata de um dos tipos de violência de intensidade mais elevada, exigindo o uso da força física. Nesse sentido, mesmo que o aumento das vitimizações masculinas tenham se dado em apenas quatro tipos de agressão, depara-se com um elemento que pode estar indicando pouca visibilidade deste fenômeno e que este, portanto, está sendo deixado de lado pelos estudiosos da violência doméstica conjugal.. Reforça-se, diante deste resultado, como o fenômeno se dá de maneira relacional e, por conseguinte, a necessidade de que as pesquisas, voltadas para a violência doméstica captem vitimizações de ambos os sexos.

Ainda, afim de certificar se há diferença significativa entre o sexo e a forma de agir do (a) parceiro (a), para a pesquisa de 2006, foram construídas tabelas de contingência e testes Qui-Quadrado. Os resultados indicam que há evidências que estrangular ou sufocar o (a) parceiro (a) depende do sexo, o mesmo ocorrendo com “*Espancou*”; “*Usou Faca*” e “*Usou arma de fogo*”, isto é, essas reações são diferentes para homens e mulheres.²⁴ (Ver TAB’s 03, 04, 05 e 06 em anexo).

²³ Foram utilizadas taxas por 100.000 habitantes.

²⁴ O teste de Qui-quadrado foi significativo para variável “*Estrangulou ou sufocou*” considerando um nível de significância equivalente a 5%. Já no caso das demais variáveis apontadas o nível de significância pré-estabelecido foi de 10%.

O questionário permite ainda que sejam verificadas as razões de chance²⁵ para ocorrência de cada tipo de agressão de acordo com o sexo da vítima. Para o ano de 2006, observando as variáveis para quais houve diferença significativa em relação ao sexo identificou-se que: as mulheres tem 88,1% mais chances de sofrer estrangulamentos, 31,2% de chances de serem espancadas e 27,9% de chances de serem agredidas com armas de fogo. Os homens tem 67,4% de chances de serem agredidos com facas pelos (as) parceiros (as). (Ver TAB. 07 em anexo)

III.1. Índices de violência

Mantendo a categorização *Mediação de Conflito e Violência Doméstica - Agressão* foi criado um Índice de Violência Doméstica, que agrupou variáveis levando-se em conta a semelhança da gravidade da agressão bem como as frequências com que os eventos ocorreram. Assim sendo, o índice criado opera com duas grandezas: a) a frequência da ocorrência (uma vez ou mais) e b) um aumento na gravidade da violência perpetrada (Andrade, 2005). (Ver: TAB's 08 e 09 a seguir).

A observância da gravidade diferenciada entre as reações é de suma importância na medida em que leva-se em conta um contínuo de reações que tendem a agravar-se, sobretudo, por tratar-se de violências perpetradas por pessoas de convívio cotidiano e íntimo. Da mesma forma, como vimos, a frequência é um item central para análise da violência conjugal, na medida em que, em si, as re-vitimizações são traços característicos deste tipo de violência. Assim, caso estas informações não sejam totalmente captadas a análise pode ser prejudicada. Vale aqui ressaltar, que embora a frequência possua apenas duas possibilidades de resposta (aconteceu uma vez ou aconteceu mais de uma vez) o número de pessoas re-vitimizadas foi muitas vezes maior que o número de pessoas que sofreram uma única vitimização. (Ver TAB. 10 em anexo).

As tabelas seguintes evidenciam a composição do Índice de Violência Doméstica:

²⁵ A razão de chance mede o efeito parcial de cada uma das variáveis em relação ao efeito parcial das outras co-variáveis incluídas no modelo em função da variável resposta. O valor do efeito parcial depende das demais variáveis, portanto apresentamos os resultados na forma da razão de chances entre o grupo em questão e o grupo de referência. Assim, quando o coeficiente da razão de chance (K) é maior que 1 (um) significa que o grupo em questão tem probabilidade de ser vitimado (K - 1) vezes maior que o grupo de referência. E quando a razão de chance (K) é menor que 1 (um) significa que o grupo em questão tem probabilidade (1 - K) vezes menor que o grupo de referência. Por exemplo, se o exponencial do coeficiente for igual a 1.50, significa que a probabilidade de vitimização deste grupo é 50% maior a probabilidade do grupo de referência. Em outro exemplo, se a razão de

Tabela 08: Variáveis Componentes do Índice de Mediação de Conflito e Violência Doméstica/2002

Classificação	Grau	Questões (reação/atitude dos parceiros)
Mediação		Vd2.1 (discutiu o problema calmamente);
	Negociação	Vd2.2 (procurou informações para entender) e Vd2.3 (trouxe alguém para acalmar)
		Vd2.4 (ficou emburrado);
	Desistência	Vd2.5 (Retirou-se) e Vd2.6 (Chorou)
		Vd2.7 (fez ou disse coisas para irritar);
	Ameaça	Vd2.8 (xingou ou insultou) e Vd2.9 (ameaçou bater ou jogar coisas)
Violência doméstica		Vd2.10 (quebrou, bateu, jogou, chutou objetos); Vd2.11 (jogou coisas)
	Grau I	Vd2.12 (empurrou ou agarrou) e Vd2.15 (bateu ou tentou bater com objetos)
		Vd2.13 (deu tapa ou bofetada); Vd2.14 (chutou, mordeu ou deu murro); Vd2.16 (espancou);
	Grau II	Vd2.17 (estrangulou ou sufocou); Vd2.18 (ameaçou com faca ou objeto pontudo); Vd2.19 (machucou com faca ou arma); Vd2.19 (usou faca ou arma)

Fonte: Pesquisa de Vitimização de Belo Horizonte - CRISP (Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública/UFG)

chance estimada para uma variável é igual a 0.7, isso implica que a probabilidade de ser vitimado diminui em 30% quando aumentamos em uma unidade o valor dessa variável. (Peixoto, 2003)

Tabela 09 Variáveis Componentes do Índice de Mediação de Conflito e Violência Doméstica/2006

Classificação	Grau	Questões (reação/atitude dos parceiros)
Mediação	Negociação	Vd2.1(discutiu o problema calmamente);
		Vd2.2 (procurou informações para entender) e
		Vd2.3 (trouxe alguém para acalmar)
	Desistência	Vd2.4 (ficou emburrado); Vd2.5 (Retirou-se) e Vd2.6 (Chorou)
Violência doméstica	Ameaça	Vd2.7 (fez ou disse coisas para irritar);
		Vd2.8 (xingou ou insultou) e
		Vd2.9 (ameaçou bater ou jogar coisas)
	Grau I	Vd2.10 (quebrou, bateu, jogou, chutou objetos);
		Vd2.11 (empurrou ou agarrou) e Vd2.14 (bateu ou tentou bater com objetos)
	Grau II	Vd2.12 (deu tapa ou bofetada);
		Vd2.13 (chutou, mordeu ou deu murro);
		Vd2.15 (espancou);
		Vd2.16 (estrangulou ou sufocou);
		Vd2.17 (ameaçou com faca ou objeto pontudo);
Vd2.18 (machucou com faca ou objeto pontudo)*;		
Vd2.19 (ameaçou com arma de fogo) e Vd2.20 (usou arma de fogo) *		

Fonte: Pesquisa de Vitimização de Belo Horizonte - CRISP (Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública/UFMG)

Mediante a classificação realizada anteriormente, as diversas variáveis foram separadas em categorias (graus). Para a construção do índice de Violência Doméstica, para cada uma destas variáveis foi considerado os valores: 0 se não aconteceu, 0,5 se aconteceu uma vez e 1,0 se aconteceu mais de uma vez. Além disso, foram atribuídas de acordo com a gravidade das categorias pesos às variáveis, sendo que as variáveis classificadas como ameaça receberam

* Esta variável foi acrescida no questionário de 2006.

* Esta variável foi acrescida no questionário de 2006.

pesos menores, iguais a 0,17. Já as classificadas como Grau I, receberam pesos iguais a 0,33 e por fim, as classificadas como Grau II consideradas as mais graves, receberam pesos maiores, sendo estes iguais a 0,50. Assim, o índice foi construído baseando-se na proporção de vítimas em cada variável em relação ao total de vítimas na amostra, nos valores atribuídos à ocorrência da violência e ponderadas de acordo com os pesos pré-estabelecidos em função da gravidade da agressão. Os cálculos foram realizados da seguinte maneira:

$$I = \sum_{i=1}^n (P_{V_{Si}})(VD_{rec})(Peso)$$

Onde, $P_{V_{Si}}$ é a proporção dada por: $P_{V_{Si}} = \frac{\text{Total de vítimas na var iável}}{\text{Total de vítimas na amostra}}$.

$0 \rightarrow 0$ (*Não aconteceu*)

VD_{rec} é o número de vezes que a violência aconteceu: $1 \rightarrow 0,5$ (*Aconteceu uma vez*)

$2 \rightarrow 1$ (*Aconteceu mas de uma vez*)

n é o número de variáveis da categoria.

Ameaça $\rightarrow 0,17$

Peso é a ponderação de acordo com a gravidade

Grau I $\rightarrow 0,33$

Grau II $\rightarrow 0,50$

O índice criado serve de medida de comparação entre a violência doméstica nos anos 2002 e 2006, pois quanto maior o índice maior a intensidade e o grau de violência, além de também ser utilizado como variável resposta para análises posteriores. Para verificar a ocorrência de diferenças entre os índices de violência doméstica nos anos de 2002 e 2006 foi utilizado o teste de Mann-Whitney²⁶. Observaram-se diferenças significativas no Índice referente à Ameaças (que corresponde a atitudes como fazer ou dizer coisas para irritar; xingar ou insultar e ameaçar bater ou jogar coisas no (a) parceiro (a)) e no Índice referente à agressões de Grau II (que corresponde a atitudes como dar tapas ou bofetadas; chutar, morder ou dar murros; espancar; estrangular ou sufocar; ameaçar com faca; usar faca; ameaçar com arma de fogo e usar arma de fogo contra no (a) parceiro (a)). Pode-se, de acordo com os “Rank’s”

Médios, deduzir que tais diferenças apontam para o crescimento e incremento da intensidade da violência doméstica conjugal no ano de 2006.

Outra interessante análise possibilitada pela construção do índice é a relação entre as agressões categorizadas como sendo ameaças, de Grau I e de Grau II e o sexo das vítimas. Percebeu-se que para o ano de 2006, a distribuição das vítimas de ameaça de acordo com o sexo é semelhante. A mediana tanto para homens quanto mulheres está em torno de 0,06 no *Índice de Violência Doméstica*. Nota-se, entretanto uma alta variabilidade nos dados, pois 50% das vitimas do sexo masculino apresentaram índices de ameaça entre 0,12 e 0,15, e os outros 50% em torno de 0,15 e 0,25. O mesmo ocorre no sexo feminino, onde 50% das vítimas está entre 0,15 e 0,25 e 50% está em torno de 0,15. O que significa que há uma grande variação na intensidade e frequência das vitimizações referentes à ameaça. (Ver Gráfico 01, em anexo)

Também em relação ao sexo das vítimas de Violência de Grau I, observa-se, que a distribuição das vítimas de acordo com o sexo é semelhante. A mediana tanto para homens quanto mulheres está em torno de 0,25. Mais uma vez, percebe-se uma alta variabilidade no índice, pois 50% das vitimas do sexo masculino apresentaram índices de ameaça entre 0,05 e 0,28 e os outros 50% em torno de 0,28 e 0,45. O mesmo ocorrendo no sexo feminino. (Ver Gráfico 02, em anexo)

Se na Ameaça e na violência de Grau I observava-se equilíbrio de vitimização entre os sexos, no caso da violência de Grau II, que agrupa as agressões mais fortes, capazes até de gerar lesões corporais graves, ou a morte, a predominância das mulheres é clara. Enquanto a distribuição dos homens no índice varia entre aproximadamente 0,2 e 0,62, a das mulheres varia entre 0,21 e 0,85. Ou seja, há entre as mulheres uma amplitude e intensidade de violência consideravelmente superior. Além disso, a mediana das mulheres é levemente superior à dos homens, sendo que 50% delas estão com o índice entre 0,021 e 0,45 e 50% dos homens estão com índices entre 0,45 e 0,85. (Ver Gráfico 03, em anexo) Estes dados reforçam os achados dos estudos mais tradicionais sobre violência doméstica e violência contra mulher desenvolvidos, sobretudo, por feministas, que apontam a violência doméstica

²⁶ O nível de significância utilizado foi de 5%

como a principal e mais grave forma de violência que atinge as mulheres e a prevalência da vitimização feminina em conflitos domésticos.

Finalmente, como argumentado anteriormente, uma das grandes contribuições dos *surveys* de vitimização é a obtenção de informações que reflitam melhor que os dados oficiais (denunciados à polícia) as vitimizações que de fato ocorreram num determinado local e período de tempo. Assim, os resultados obtidos mostram que a “cifra oculta” também apresentou aumento entre os anos estudados. Se em 2002 as ocorrências de violência doméstica conjugal em BH, geradoras de lesão corporal, registradas no Anuário Estatístico da Polícia Civil de Minas/2001 representaram apenas 1,33% das ocorrências de lesão corporal perpetradas nesse ano, em 2006, as ocorrências registradas pelo mesmo Anuário para 2005 representaram apenas 0,78% das ocorrências de lesão corporal perpetradas nesse ano.

Como acabamos de ver, ao mesmo tempo em que ocorre um incremento na quantidade e intensidade de vitimizações domésticas conjugais em BH entre os anos de 2002 e 2006, diminuem as denúncias formais. Aprofundar a reflexão sobre estes achados é fundamental, pois se por um lado eles podem estar refletindo um aumento real na violência entre parceiros íntimos, por outro podem indicar uma mudança na interpretação e na sensibilidade do que seja uma ato de violência doméstica. Pode-se pensar que as inúmeras campanhas contra a violência doméstica veiculadas, bem como o questionamento sobre valores machistas podem estar facilitando o reconhecimento dos conflitos domésticos enquanto formas de violência, assim como facilitando o reconhecimento da vitimização, inclusive por parte dos homens. Se assim for, este reconhecimento, entretanto, não implica, sobretudo por parte dos homens, na formalização da denúncia.

Por fim, vale ressaltar que caso houvessem sido incluídas nos questionários variáveis que questionassem as vítimas sobre se fizeram ou não a denúncia das agressões domésticas conjugais; assim como os motivos para não denúncia, tornar-se-ia mais rica a discussão sobre os motivos do aumento da “cifra oculta.”

Diante dos dados aqui apresentados, vê-se as grandes potencialidades dos *surveys* de vitimização, instrumentos capazes de trazer novas informações que ajudam na compreensão da violência doméstica conjugal. Tais instrumentos também evidenciam a necessidade do

aprofundamento das discussões desenvolvidas tanto por estudiosos quanto por gestores públicos e pela sociedade em geral no sentido compreender e enfrentar este tipo de fenômeno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVIM, S. F. ; SOUZA, L. . Homens, Mulheres E Violência. 1. Ed. Rio De Janeiro: Editora Noos, 2004. v. 500. (p.15)

BLAY, Eva. A. (2005) “ *A Violencia de Gênero no Âmbito Familiar e Suas Repercussões na Relação de Trabalho*”. I Congresso Internacional Sobre Mulher, Gênero e Relações de Trabalho. Goiânia GO.

Cantor, David & Lynch P. Self- Report Survey as Measures of Crime and Criminal Victimization. Criminal Justice 2000, volume 4.

FELSON, Richard. B. et al (2002) – *Reasonsfor reporting and not reporting Doméstic Violence To The Police*. EBSCO Publishing

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. 1987. Indicadores sociais de criminalidade. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro.

HASSELMANN MH, REICHENHEIM ME. Adaptação transcultural da versão em português das "Conflict actics Scales Form R" (CTS-1) usada para aferir violência no casal: equivalências semântica e de mensuração. Cad Saúde Pública 2003; 19:1083-1093.

Marcadas a Ferro – Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. (p. 185)

MORAES, C.L.& HASSELMANN, M.H.& REICHENHEIm, M.E. *Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais*. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 18(1):163-176, janeiro-fevereiro de 2002.

NUNAN, Adriana *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, (2003). Dissertação.

PEIXOTO, Betânia T. *Determinantes da Criminalidade no Município de Belo Horizonte*. (2003). Dissertação – Centro de desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

REICHENHEIM M.E. et al - *Magnitude da violência entre parceiros íntimosno Brasil: retratos de 15 capitais e Distrito Federal*. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 22(2):425-437, fevereiro de 2006

SOARES, Bárbara M. (2006). “*A Violência Doméstica e as Pesquisas de Vitimização*” – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

STRAUS, M.A. *Women’s Violence Toward Men is a Serious Social Problem*. In D.R. Loseke, R. J. Gelles & M. M. Cavanaugh (Eds.), *Current controversies on family violence, 2nd Edition*. Newbury Park:Sage Publications.

ANEXOS:

Tabela 01: Variáveis Componentes das Categorias *Mediação de Conflito e Violência Doméstica - Agressão./2002*

Categoria: Mediação de Conflito	Valor Absoluto			Percentual		Taxa/100mil habitantes	
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Discutiu calmamente	943	998	1941	48,58	51,42	132,60	120,63
Procurou informações	679	688	1367	49,67	50,33	95,48	83,16
Trouxe alguém para ajudar	136	133	269	50,56	49,44	19,12	16,08
Ficou emburrado	695	719	1414	49,15	50,85	97,73	86,91
Retirou –se do quarto	290	386	676	42,90	57,10	40,78	46,66
Chorou	524	289	813	64,45	35,55	73,68	34,93
Total	3267	3213	6480	50,41	49,59	×	×
Categoria: Violência Doméstica - Agressão	Valor Absoluto			Percentual		Taxa/100mil habitantes	
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Xingou insultou	361	360	721	50,07	49,93	50,76	43,51
Fez/disse coisas para irritar	442	592	1034	42,75	57,25	62,15	71,56
Ameaçou bater jogar coisas	92	123	215	42,79	57,21	12,94	14,87
Destruiu, jogou objetos	71	116	187	37,97	62,03	9,98	14,02
Jogou coisas em você	43	44	87	49,43	50,57	6,05	5,32
Empurrou agarrou você	98	112	210	46,67	53,33	13,78	13,54
Deu tapa ou bofetada	51	73	124	41,13	58,87	7,17	8,82
Chutou, mordeu deu murro	48	48	96	50,00	50,00	6,75	5,80
Bateu, tentou com objetos	30	28	58	51,72	48,28	4,22	3,38
Espancou	6	29	35	17,14	82,86	0,84	3,51
Estrangulou sufocou	5	10	15	33,33	66,67	0,70	1,21
Ameaçou com faca, arma	12	21	33	36,36	63,64	1,69	2,54
Usou faca, arma	7	12	19	36,84	63,16	0,98	1,45
Total	1266	1568	2834	44,60	55,40	×	×

Fonte: Pesquisa de Vitimização de Belo Horizonte, 2002 – CRISP/UFMG)

Tabela 02: Variáveis Componentes das Categorias *Mediação de Conflito* e *Violência Doméstica - Agressão./2006*

Categoria: Mediação de Conflito	Valor Absoluto			Percentual		Taxa/100mil habitantes	
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Discutiu calmamente	996	904	1900	52,4	47,6	127,23	99,11
Procurou informações	746	689	1435	52,0	48,0	95,29	75,54
Trouxe alguém para ajudar	104	121	225	46,2	53,8	13,28	13,27
Ficou emburrado	663	637	1300	51,0	49,0	84,69	69,84
Retirou –se do quarto	346	365	711	48,7	51,3	44,20	40,02
Chorou	588	320	908	64,8	35,2	75,11	35,08
Total	3443	3036	6479	53,14	46,86	-	-
Categoria: Violência Doméstica - Agressão	Valor Absoluto			Percentual		Taxa/100mil habitantes	
	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Xingou insultou	353	324	677	52,1	47,9	45,09	35,52
Fez/disse coisas para irritar	532	564	1096	48,5	51,5	67,96	61,83
Ameaçou bater jogar coisas	73	58	131	55,7	44,3	9,32	6,36
Destruiu, jogou objetos	81	93	174	46,6	53,4	10,35	10,20
Jogou coisas em você	-	-	-	-	-	-	-
Empurrou agarrou você	79	94	173	45,7	54,3	10,09	10,31
Deu tapa ou bofetada	58	59	117	49,6	50,4	7,41	6,47
Chutou, mordeu deu murro	49	33	82	59,8	40,2	6,26	3,62
Bateu, tentou com objetos	28	17	45	62,2	37,8	3,58	1,86
Espancou	26	40	66	39,4	60,6	3,32	4,39
Estrangulou sufocou	2	19	21	9,5	90,5	0,26	2,08
Ameaçou com faca, tesoura	20	11	31	64,5	35,5	2,55	1,21
Usou faca, tesoura	18	9	27	66,7	33,3	2,30	0,99
Ameaçou comum arma de fogo	6	5	11	54,5	45,5	0,77	0,55
Usou comum arma de fogo	0	3	3	0	100	0,00	0,33
Total	1325	1329	2654	49,92	50,08	-	-

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2006 – CRISP/UFMG)

Tabela 03: Teste de Qui-quadrado - Variável: "Estrangulou ou Sufocou"

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	14,476(b)	1	,000	-	-
Continuity Correction(a)	12,857	1	,000	-	-
Likelihood Ratio	16,613	1	,000	-	-
Fisher's Exact Test		-	-	,000	,000
Linear-by-Linear Association	14,471	1	,000	-	-
N of Valid Cases	2801	-	-	-	-

a Computed only for a 2x2 table

b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 10,32.

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2006 – CRISP/UFMG)

Tabela 04: Teste de Qui-quadrado - Variável: "Espancou"

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	3,553(b)	1	,059	-	-
Continuity Correction(a)	3,099	1	,078	-	-
Likelihood Ratio	3,575	1	,059	-	-
Fisher's Exact Test	-	-	-	,062	,039
Linear-by-Linear Association	3,552	1	,059	-	-
N of Valid Cases	2802	-	-	-	-

a Computed only for a 2x2 table
b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 32,43.

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2006 – CRISP/UFMG)

Tabela 05: Teste de Qui-quadrado - Variável: "Usou Faca"

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	2,727(b)	1	,099	-	-
Continuity Correction(a)	2,125	1	,145	-	-
Likelihood Ratio	2,784	1	,095	-	-
Fisher's Exact Test	-	-	-	,122	,072
Linear-by-Linear Association	2,726	1	,099	-	-
N of Valid Cases	2802	-	-	-	-

a Computed only for a 2x2 table
b 0 cells (,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 13,27.

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2006 – CRISP/UFMG)

Tabela 06: Teste de Qui-quadrado - Variável: "Usou Arma de Fogo"

	Value	df	Asymp. Sig. (2-sided)	Exact Sig. (2-sided)	Exact Sig. (1-sided)
Pearson Chi-Square	3,108(b)	1	,078	-	-
Continuity Correction(a)	1,405	1	,236	-	-
Likelihood Ratio	4,266	1	,039	-	-
Fisher's Exact Test	-	-	-	,119	,119
Linear-by-Linear Association	3,107	1	,078	-	-
N of Valid Cases	2802	-	-	-	-

a Computed only for a 2x2 table
b 2 cells (50,0%) have expected count less than 5. The minimum expected count is 1,47.

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2006 – CRISP/UFMG)

Tabela 07: Teste de Razão de Chance				
Tipo de agressão	Beta b	Erro Padrão	Exponencial (b)	Probabilidade
Estrangulou	-2	0,6982997	0,118955752	88,1%
Espancou	-0,4	0,217146	0,687731104	31,2%
Usou Faca	0,5	0,3341146	1,6738095	67,4%
Usou Arma	-0,3	0,9136758	0,721161197	27,9%

* Valor de referencia = 1 - Homem

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2006 – CRISP/UFGM)

Tabela 10: Freqüências para respostas aconteceu uma vez e aconteceu mais de uma vez.			
Discutiu o problema calmamente			
	Vitimizações	Freqüência	Percentual Válido
	Não aconteceu	899	32,1
	Aconteceu uma vez	751	26,8
	Aconteceu mais de uma vez	1150	41,1
	Total	2799	100
Procurou informações para ajudar			
	Vitimizações	Freqüência	Percentual Válido
	Não aconteceu	1344	48,3
	Aconteceu uma vez	439	15,8
	Aconteceu mais de uma vez	997	35,9
	Total	2779	100,0
Trouxe alguém para ajudar			
	Vitimizações	Freqüência	Percentual Válido
	Não aconteceu	2571	91,9
	Aconteceu uma vez	91	3,3
	Aconteceu mais de uma vez	134	4,8
	Total	2796	100,0
Ficou Emburrado			
	Vitimizações	Freqüência	Percentual Válido
	Não aconteceu	1498	53,5
	Aconteceu uma vez	362	12,9
	Aconteceu mais de uma vez	939	33,5
	Total	2800	100,0
Retirou-se do quarto			
	Vitimizações	Freqüência	Percentual Válido
	Não aconteceu	2090	74,6
	Aconteceu uma vez	213	7,6
	Aconteceu mais de uma vez	498	17,8
	Total	2802	100,0
Chorou			
	Vitimizações	Freqüência	Percentual Válido
	Não aconteceu	1891	67,5
	Aconteceu uma vez	258	9,2
	Aconteceu mais de uma vez	650	23,2
	Total	2799	100,0

Fez, disse coisas para irritar		
Vitimizações	Frequência	Percentual Válido
Não aconteceu	1706	60,9
Aconteceu uma vez	246	8,8
Aconteceu mais de uma vez	851	30,3
Total	2802	100,0
Xingou ou insultou		
Vitimizações	Frequência	Percentual Válido
Não aconteceu	2128	75,9
Aconteceu uma vez	163	5,8
Aconteceu mais de uma vez	514	18,3
Total	2805	100,0
Quebrou, destruiu objetos		
Vitimizações	Frequência	Percentual Válido
Não aconteceu	2630	93,8
Aconteceu uma vez	46	1,6
Aconteceu mais de uma vez	128	4,6
Total	2804	100,0
Empurrou, agarrou		
Vitimizações	Frequência	Percentual Válido
Não aconteceu	2634	93,8
Aconteceu uma vez	52	1,8
Aconteceu mais de uma vez	122	4,3
Total	2807	100,0
Deu tapa ou bofetada		
Vitimizações	Frequência	Percentual Válido
Não aconteceu	2690	95,8
Aconteceu uma vez	41	1,5
Aconteceu mais de uma vez	76	2,7
Total	2807	100,0
Chutou, mordeu, deu murro		
Vitimizações	Frequência	Percentual Válido
Não aconteceu	2723	97,1
Aconteceu uma vez	24	0,9
Aconteceu mais de uma vez	58	2,1
Total	2805	100,0
Bateu, tentou bater com objetos		
Vitimizações	Frequência	Percentual Válido
Não aconteceu	2760	98,4
Aconteceu uma vez	14	0,5
Aconteceu mais de uma vez	31	1,1
Total	2805	100,0
Espancou		
Vitimizações	Frequência	Percentual Válido
Não aconteceu	2739	97,6
Aconteceu uma vez	22	0,8
Aconteceu mais de uma vez	44	1,6
Total	2805	100,0

Estangulou, sufocou		
Vitimizações	Frequência	Percentual Válido
Não aconteceu	2783	99,3
Aconteceu uma vez	9	0,3
Aconteceu mais de uma vez	11	0,4
Total	2804	100,0

Ameaçou com faca		
Vitimizações	Frequência	Percentual Válido
Não aconteceu	2774	98,9
Aconteceu uma vez	8	0,3
Aconteceu mais de uma vez	24	0,9
Total	2805	100,0

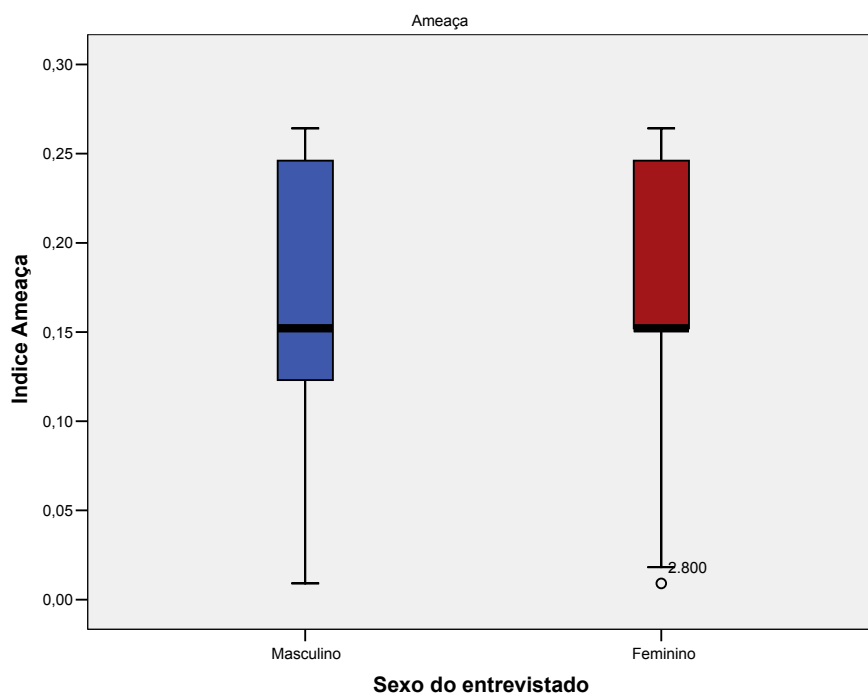
Usou faca		
Vitimizações	Frequência	Percentual Válido
Não aconteceu	2778	99,0
Aconteceu uma vez	9	0,3
Aconteceu mais de uma vez	19	0,7
Total	2805	100,0

Ameaçou com arma de fogo		
Vitimizações	Frequência	Percentual Válido
Não aconteceu	2793	99,6
Aconteceu uma vez	5	0,2
Aconteceu mais de uma vez	6	0,2
Total	2804	100,0

Usou arma de fogo		
Vitimizações	Frequência	Percentual Válido
Não aconteceu	2802	99,9
Aconteceu uma vez	1	0,0
Aconteceu mais de uma vez	2	0,1
Total	2805	100,0

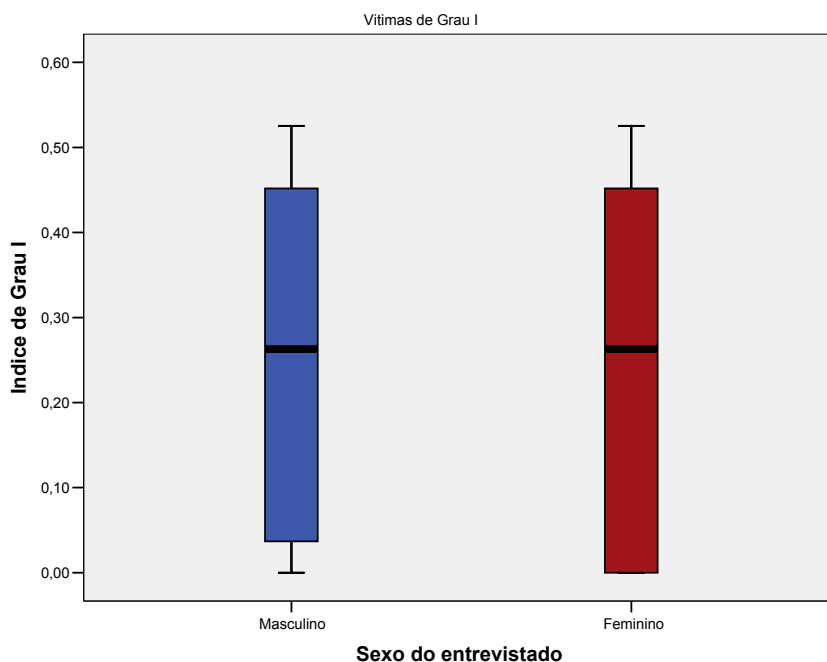
Fonte: Pesquisa de Vitimização da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2006 – CRISP/UFMG)

Gráfico 1: Relação entre Vitimização do tipo Ameaça por Sexo das vítimas



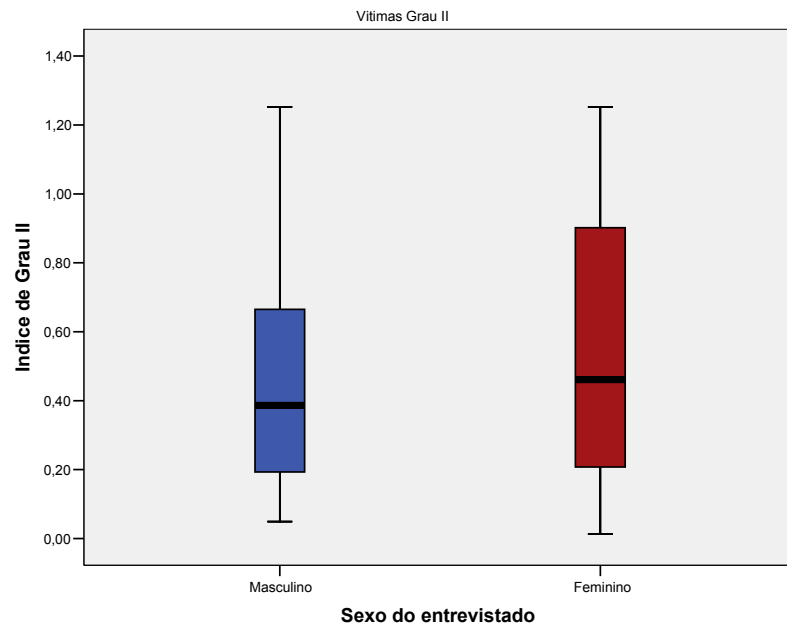
Fonte: Pesquisa de Vitimização da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2006 – CRISP/UFMG)

Gráfico 2: Relação entre Vitimização de Grau I por Sexo das vítimas



Fonte: Pesquisa de Vitimização da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2006 – CRISP/UFMG)

Gráfico 3: Relação entre Vitimização de Grau II por Sexo das vítimas



Fonte: Pesquisa de Vitimização da Região Metropolitana de Belo Horizonte, 2006 – CRISP/UFMG)